

Associação Nacional de História – ANPUH
XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

**Historicidade e subjetividade entre preconceito e deficiência. Uma abordagem
antropológico-filosófica em Martin Buber e Emmanuel Lévinas**

Cristina Maria Barros de Medeiros*

Resumo: A recepção da presença é condição de uma decisão livre do Eu de entrar em relação, de responder e acolher o destino autêntico que vem a seu encontro, enquanto palavra que lhe é dirigida. Para essa atitude requisita-se, da essência do homem, a ação essencial dialógica. Preconceito e deficiência inserem-se na perspectiva da afirmação de uma normalidade absoluta e numa negação da diversidade humana. Vida é relação. É o exercício de alteridades distintas no entre. Esse trabalho discute e reflete sobre a possibilidade de diálogo para além de preconceitos como fator essencial de uma identidade cultural; afeta ao elemento puro e simplesmente humano em relação com o Outro, em presenças subjetivas distintas apoiando e sendo responsável e não a perspectiva do Outro ser o mesmo.

Palavras-chave: Relação – Diálogo - Deficiência

Abstract: The reception of the presence is condition of a free decision of the I of enter in relation, of answer and receive the authentic fate that comes to his meeting, while word that is driven him. For that attitude requisite-itself, of the essence of the man, the essential action dialogal. Prejudice and handicap insert itself in the perspective of the assertion of an absolute normality and in a denial of the human diversity. Life is relation. It is the exercise of alterity distinct in the between. That work discusses and reflects about the possibility of dialogue for beyond prejudices as essential factor of a cultural identity; affect to the pure element and simply human in relation with Another, in distinct subjective presences supporting and being responsible and not the perspective of the Another be the even

Keywords: Relation – Dialogue - Handicap

O homem é um ser de permanente relações com o mundo que ele transforma pelas trocas que efetiva com o meio ambiente e pela cultura. O homem como um ser histórico inserido num movimento permanente de procura, faz e refaz constantemente seu saber. A relação pode significar encontro; e este, levar ao diálogo e à conquista de uma interação social autêntica, que permita ao potencial humano desenvolver-se. O ser dialógico vivencia o diálogo. Não invade, não manipula, não domina. Ser dialógico é antes de tudo escutar e responder. E respondendo ser responsável pelo outro.

O diálogo é o “encontro amoroso dos homens”, onde o mundo mediatiza esses encontros transformando-os humanizando-os não para “serem mais” que outros homens mas para caminharem na busca de equilíbrio e harmonia conjunta. No diálogo autêntico há comprometimento com o outro e com o mundo. (FREIRE, 1992:43)

*Doutoranda da COPPE/UFRJ e Analista de Gestão em Saúde da Fundação Oswaldo Cruz, exercendo atividades na Coordenação de Projetos Sociais da presidência da FIOCRUZ. Este trabalho integra a base conceitual da pesquisa para tese de doutoramento.

Ao se propor o tema preconceito e deficiência, pretendeu-se identificar um determinado tipo de preconceito, dentre tantos outros, e abordá-lo sob dois aspectos. Um é o fato de que o tratamento genérico da exclusão provocado às pessoas que apresentam diferenças físicas, sensoriais ou mentais não permite o delineamento de formas claras de ação social que possibilitem o seu enfrentamento abrangendo à integridade do indivíduo. O outro aspecto a considerar é que, dentre os grupos de pessoas excluídas, os deficientes estão entre aqueles sobre quem menos se fala, a quem a sociedade menos se dirige, para quem menos se produz os meios necessários para a vida social e, o mais grave, a quem menos se reconhece o direito de falar de si.

A deficiência - seja física, sensorial ou mental - apresenta-se como um dos grandes desafios da atualidade para o movimento da inclusão pelo fato de, historicamente, instituir-se na cultura de muitos povos modos de afirmação da normalidade e de negação da diversidade. Assim, o conceito de deficiência contém em seu núcleo central o preconceito e a afirmação de um outro como possuidor da normalidade.

É comum atribuir-se à inteireza do indivíduo uma dada deficiência. Nesse sentido, um indivíduo que poderia facilmente estar integrado na relação social cotidiana mas possui um traço que o distingue dos demais, assiste ao seu afastamento pelo fato desses demais não observarem outros atributos seus. A atitude que muitas pessoas “normais” desenvolvem é, em algumas situações, construir teorias sobre “o ser” deficiente, atribuindo metáforas e representações para além de sua condição. Utilizam-se termos específicos como “aleijado”, “idiota”, “retardado” no discurso corrente como fontes daquelas representações sem se darem conta de seu significado original. Tende-se a inferir uma série de imperfeições a partir da imperfeição original e, ao mesmo tempo, imputar ao portador do traço atributos que não se coadunam, como gritar com um cego ou tentar ergue-lo como se apresentasse alguma restrição física. (GOFFMAN, 1982: 15).

Nesta perspectiva, a interação com o indivíduo que porta uma deficiência deve ser, primeiramente, pelo reconhecimento de sua humanidade em relação com o mundo e não como um alienado, conformado ou oprimido. Nas relações que este indivíduo estabelece há uma pluralidade na singularidade. “O homem não é uma solidão, mas só existe na medida que entra em relação”, em que existe para os outros. Esta capacidade de existir ultrapassa viver, porque é mais do que estar no mundo. A capacidade ou possibilidade comunicativa com o mundo objetivo incorpora ao existir o sentido de criticidade que permite transcender, discernir e principalmente dialogar. “O existir é individual”. Contudo, “só se realiza em relação a outros existires” em comunicação com ele. (MOUNIER, 1964:38)

O homem em relação abre-se para o diálogo, que, segundo Martin Buber¹ dá-se pela *inter-ferência* recíproca das condições de manifestação, pela escuta e pela resposta. Na relação, quem fala e quem ouve são vulneráveis porque são afetados em sua condição de alteridade. No encontro, quando o homem está em presença, há um limite, um intervalo entre ele e a presença. Esse intervalo é o lugar e suporte real das ocorrências *inter-humanas*, uma conversação autêntica, marcada pela espontaneidade. Uma lição verdadeira, cujo resultado não é conhecido de antemão nem por quem fala e nem por quem ouve, podendo criar surpresas para ambas as partes. (BUBER, 1979:12).

Para Buber, em todo encontro o homem recebe uma novidade, pois ele sai do mesmo diferente de como entrou. Mas o que recebeu não é produto do “dobrar-se-em si-mesmo”, de uma retração em atitude monológica, na qual o homem não aceita, na essência de seu ser, uma outra pessoa em sua singularidade. Essa atitude, que se contrapõe a uma atitude dialógica, leva à imanentização da alteridade, pela “admissão da existência do Outro somente sob a forma de uma vivência própria, somente como parte do meu eu”. (BUBER, 1979: 126).

O que o homem recebe no encontro é a força da concretude de um Outro com toda a sua alteridade. Essa força está para além de qualquer face espaço-temporal da existência, é algo que ele não conhece e não controla, mas “acontece” a ele, acrescentando-se-lhe e passando a constituí-lo em essência, formando-o como pessoa. “A verdade é que recebemos algo que não possuíamos antes e o recebemos de tal modo que sabemos que isto nos foi dado”. Esse algo promove nossa vinculação à vida, tornando-a pesada de sentido. (BUBER, 1979: 127).

Viver é ser alvo da palavra dirigida. É estar aberto ao diálogo. Os limites de possibilidades da dialogicidade humana, em que se dá a recepção da pessoa – do Outro - não dependem nem de uma atitude de observação, que capta e acumula traços do real pela concentração, nem de uma atitude de contemplação, que espera que a apresentação do real se lhe dê.

Os limites para a condição dialogal são os limites da tomada de conhecimento íntimo. A atitude de tomada de conhecimento íntimo é uma forma de percepção que exige

¹ No livro *Eu e Tu* expõe-se tanto uma fenomenologia da palavra como uma ontologia da relação. Este é o fundamento para uma antropologia e uma ética do inter-humano. Para desenvolver *Eu e Tu*, Buber não se baseou em princípios e conceitos abstratos, mas na experiência concreta de sua vida vivida. O livro é, segundo ele, a codificação, para o mundo do Isso, ou seja, em forma objetiva, de eventos Eu-Tu que ocorreram em sua vida. Os diversos textos posteriores de sua obra serão comentários, delimitações ou acréscimos àquilo que foi essencialmente formulado em *Eu e Tu*: o ser humano é o ente apto ao relacionamento pessoal com a alteridade, é o ser-em-relação. (ver Bartholo, R. S. *Você e Eu. Martin Buber, presença palavra*. Editora Garamond, Rio de Janeiro, 2001).

reciprocidade da ação interior, pois no encontro “acontece-me uma palavra que exige resposta”. (BUBER, 1987: 43).

A recepção da presença é condição de uma decisão livre do Eu de entrar em relação, de responder e acolher o destino autêntico que vem a seu encontro, enquanto palavra que lhe é dirigida. Para essa atitude requisita-se, da essência do homem, a ação essencial dialógica que pressupõe o movimento básico de “voltar-se-para-o-outro”, que se contrapõe ao “dobrar-se-sobre-si-mesmo”. O “voltar-se para o outro” é uma atitude simples que não depende de esforço ou reflexão para ser conquistada ou feita: é o encontro do homem com seu semelhante. Mas é algo que foi desprezado e esquecido de tal modo que as condições da vida contemporânea entorpeceram até mesmo nossa capacidade de nos encontrar conosco mesmo. Quanto mais com o Outro. (BUBER, 1985: 94).

O diálogo humano não existe somente sob forma objetivamente captável em signos como o som e o gesto. Buber considera que, em suas formas mais elevadas, ele transcende (mas não no sentido de um acontecimento místico) os limites dos conteúdos comunicáveis, permanecendo, no entanto, inserido no mundo comum dos homens e na seqüência temporal concreta. Para Buber, o homem acaba, pelos seus hábitos, construindo uma proteção – uma couraça – que deixa sua alma esterilizada face aos instantes em que os signos a incitam à receptividade. Somente no “voltar-se-para-o-outro” é que o Eu está em “ausência de reservas” e assim permite-se a transformação da comunicação, elemento constituinte de todo diálogo humano, em comunhão, que é a corporificação da palavra dialógica. (BUBER, 1982: 37).

Para Buber, o ser não é a consciência de si, é em relação ao outro que não é ele próprio; é um despertar de Mim por Outrem, “pelo próximo que nada mais é que um próximo”. Um despertar que não é nem reflexão sobre si, nem universalização, mas sim, responsabilidade. Responsabilidade por outrem a mim atribuída sem possibilidade de fuga e sem indiferença, em que o acolhimento de outrem como Tu não suprime a diferença. Uma racionalidade que desloca seu centro de referência da autonomia para a heteronomia, no sentido que “a consciência, a subjetividade não tem mais, em sua relação com o outro, o primeiro lugar”. (LÈVINAS, 1997)

A conversação genuína parte do princípio de que cada indivíduo deve ver o outro na concretude de sua alteridade, no respeito mútuo de sua irredutibilidade, implicando aceitar o diverso e deixar-se surpreender por suas possibilidades. O inter-humano é um evento que não se deixa pré-configurar por nenhuma equação, nenhuma relação de causalidade. O encontro é graça. É algo que me é dado. É minha acolhida pessoal de uma presença singular,

corroborada por cada instante decisivo e único de resposta à palavra que me é singularmente dirigida e não pode ser pré-configurada em manuais. (FERREIRA, 2002: 30)

A antropologia filosófica tem como tarefa essencial apreender o homem em sua inteireza. O método não deve distanciar-se do concreto e das características essenciais da vida do homem sob o perigo de não vislumbrar o homem em sua singularidade. Essa singularidade é a porta que se abre para valores universais. A antropologia de Martin Buber, Emmanuel Mounier e Emmanuel Lévinas, representa a afirmação do indivíduo enquanto pessoa, de modo a erigir a relação dialógica como o ponto de partida para a procura do sentido da existência humana. (MEDEIROS, 2002:137)

Não cabe na autêntica relação inter-humana a forma impositiva, que atropela a alteridade ao desviar-se da singularidade do homem, procurando moldar opiniões e atitudes. A autenticidade da relação está no ato de consentir a presença da alteridade do outro, num encontro que permita a acolhida do outro em sua inteireza, ultrapassando os limites da compartimentalização de papéis sociais que tendem a transformar o diálogo autêntico em diálogos técnicos ou monólogos.

Contudo, nas sociedades modernas, há cada vez menos espaços para o exercício de escolhas e de liberdades individuais de grupos estigmatizados, tal é a força que exercem a sociedade de consumo e da imagem. Mas não se pode esquecer que já viveu-se a reclusão desses indivíduos apartados de qualquer forma de relação social. (MEDEIROS, 2002:139)

Alteridade e vulnerabilidade são a nível prático, o fundamento para a construção de uma sociedade onde o princípio ético, ao lado do princípio político, possam encontrar o lugar de sua realização.

Referências bibliográficas:

- BARTHOLO, R. S. **Você e Eu. Martin Buber, presença palavra.** Editora Garamond, Rio de Janeiro, 2001).
- BUBER, M. **Que és el hombre?** México, Ed. Fondo de Cultura Econômica. 1985
- **Eu e Tu.** São Paulo, Ed. Moraes, 1979
- **Do diálogo e do dialógico.** São Paulo, Editora Perspectiva. 1982
- **Sobre comunidade.** São Paulo, Editora Perspectiva 1987
- FERREIRA, G. S. *Diálogo e Formação: uma abordagem antropológico-filosófica sobre saber e compromisso na universidade.* **Tese de doutorado.** Programa de Engenharia de Produção da COPPE/UFRJ, 2002
- FREIRE, P. **Extensão ou Comunicação?** Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 1992.

GOFFMAN, E. **Estigma. Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada.** Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1982.

LÉVINAS, E. *Uma nova racionalidade: sobre Gabriel Marcel.* In LÉVINAS, E. **Entre nós: ensaios sobre a alteridade.** Petrópolis, Vozes, 1997.

MEDEIROS, C.M.B. *Ajuda Mútua e Parcerias na Ação Social.* **Dissertação de Mestrado.** Programa de Engenharia de Produção da COPPE/UFRJ, 2002

MOUNIER, E. **O Personalismo.** Lisboa, Moraes, 1964